



IV SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

“Educação Pública em Tempos de Reformas”

Dourados - MS, de 09 a 11 de Setembro de 2019

O PAPEL DA EDUCAÇÃO FRENTE À CULTURA DO CONSUMO: UM ESTUDO SOBRE A REGIÃO FRONTEIRIÇA BRASIL E PARAGUAI

Dina Elizabete ALFONSO (UFMS)¹

Fernanda Cristina Martins MARTTI (UFMS)²

Eixo 6 – Trabalho Docente

Resumo

O presente trabalho busca compreender as relações de compra e venda na região da fronteira entre Brasil e Paraguai, especificamente entre as cidades de Ponta Porã (BRA) e Pedro Juan Caballero (PY), a partir da perspectiva da modernidade líquida do sociólogo Zygmunt Bauman (1925-2017). Procuramos, também, entender qual papel cabe à educação frente à cultura do consumo em uma região intensamente comercial. Residentes e acadêmicas dessa região, o interesse pela pesquisa permeou não apenas pela temática tratada, mas também em entender como se configura a identidade fronteiriça, o papel de agentes externos para a constituição da mesma, bem como as especificidades da cultura dessa região. Com a pesquisa, pudemos compreender a fronteira entre as cidades citadas como local de encontro de diversas culturas e povos (paraguaios, brasileiros, asiáticos, japoneses, etc.), que veem na região fronteiriça como oportunidades de comércio, fomentando assim o consumismo exacerbado - uma vez que turistas, e os próprios munícipes, veem no Paraguai uma oportunidade de satisfazerem seus desejos incontáveis por bens materiais, já que no país vizinho ao Brasil o valor dos produtos é mais acessível. Como consequências do consumismo, o “ter” torna-se mais importante que o “ser”. Possuir determinado produto torna-se um sinal de prestígio social e é criado um abismo que diferencia as pessoas que consomem das que não consomem. Assim sendo, a escola torna-se um palco de encontro entre várias culturas, podendo ser um local de integração ou de discriminação. Devemos, enquanto professores, optar por uma educação integradora, de diálogo e respeito às diferenças, que faça com que o aluno se veja como um sujeito histórico e crítico, agente participante da sociedade.

Palavras chave: Cultura do Consumo. Zygmunt Bauman. Educação. Fronteira.

Introdução

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia da UFMS - CPPP. dinaelizabete5@gmail.com

² Acadêmica do curso de Pedagogia da UFMS - CPPP. martins671@gmail.com

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo, acerca das relações de compra e venda na região da fronteira entre Brasil e Paraguai, especificamente entre as cidades de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, a partir da perspectiva da modernidade líquida, de Zygmunt Bauman. Procura-se compreender qual papel cabe à educação frente a essa cultura do consumo. Como acadêmicas de um curso de pedagogia situado em região de fronteira, além de residentes dessa região, o interesse pela pesquisa permeou não apenas pela temática aqui tratada, mas também em entender como se configura a identidade fronteiriça, o papel de agentes externos para a constituição da mesma, bem como as especificidades da cultura dessa região.

Optamos pela pesquisa bibliográfica, uma vez que ela nos proporciona conhecer toda a produção científica produzida acerca da temática, além de ser a base fundamental para o todo de uma pesquisa (C. f. PIZZANI *et. al*, 2012). Para tanto, a pesquisa foi organizada em duas fases: primeiramente realizamos a coleta de fontes bibliográficas (na qual foi realizado o levantamento da bibliografia) e a seguir o levantamento de dados e informações contidas na bibliografia selecionada. Foram utilizados nessa pesquisa livros e artigos disponibilizados nas bases de dados do Google Acadêmico e dos Periódicos da Capes.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman é considerado um importante pensador da modernidade, foi o criador do conceito de “modernidade líquida”. Com seu interesse por temas contemporâneos, escreveu muitas obras, em destaque seu best-seller “Amor Líquido”, além de suas obras “Modernidade Líquida”, “Babel - Entre a incerteza e a Esperança”, entre outras.

Este trabalho está dividido em três partes, na primeira falaremos do consumismo dentro da perspectiva da modernidade líquida *baumaniana*. Levamos em consideração a forma como essa modernidade líquida se faz presente em várias características fronteiriças. Procura-se compreender como se configura a identidade fronteiriça, sendo esta indispensável para pensarmos em como o professor deve trabalhar na realidade a qual está inserido, lembrando que cada região tem suas especificidades, pois conhecer a realidade na qual irá atuar pode proporcioná-lo melhores condições de trabalhar com seus alunos. Em seguida, abordamos como a educação deve ser compreendida nesse contexto; e, por fim, nossas considerações finais.

Cultura do Consumo, Modernidade Líquida e Fronteira

Dentro do conceito de Modernidade Líquida - que compreende o mundo contemporâneo como sendo um mundo em que prevalece a liquidez, a flexibilidade, a insegurança, a incerteza, o medo - podemos pensar nas frágeis relações de trabalho hoje existentes. A fixidez da modernidade sólida (época anterior à modernidade líquida) foi substituída pela artificialidade, pelo gozo material e pelo consumo. De acordo com Bittencourt (2010), para manter um elevado padrão de vida, o indivíduo acaba se entregando por inteiro ao trabalho, de tal forma que ele se despersonalize e adquira o status de coisa a ser consumida, para em seguida ser descartado e substituído por outro. No mundo da liquidez, ninguém é considerado insubstituível. É justamente esse medo da substituição, do descarte, que leva o sujeito a se desgastar no trabalho, levando-o para casa, se esgotando em prol do sucesso profissional, “vivendo para trabalhar e para consumir”, deixando em segundo plano situações que são de fato importantes para a vida, para a realização pessoal, como família e saúde.

O consumo, dentro desse conceito, passa a ser o objetivo de vida das pessoas. Falar em “cultura do consumo”, significa enfatizar que

[...] o mundo das mercadorias e seus princípios de estruturação são centrais para a compreensão da sociedade contemporânea. Isso envolve um foco duplo: na dimensão cultural da economia, a simbolização e o uso de bens materiais como ‘comunicadores’, não apenas como utilidades; em segundo lugar, na economia dos bens culturais, os princípios de mercado - oferta, demanda, acumulação de capital, competição e monopolização - que operam ‘dentro’ da esfera dos estilos de vida, bens culturais e mercadorias (FEATHERSTONE, 1995, p. 121).

Polon (2015) afirma que desde sempre, as práticas de consumo foram e continuam sendo capazes de movimentar fluxos de mercadores e de pessoas ao longo do espaço geográfico. Na modernidade líquida, as pessoas acabam julgando as outras, antes de mais nada, pelo que elas possuem. Ter determinado produto que está “na moda” é equivalente à um passaporte para frequentar determinados grupos e, conseqüentemente, se a pessoa não tiver tal produto, ela já é automaticamente excluída do grupo. Nesse processo, a mídia, a publicidade, tem um papel essencial,

inculcando nas pessoas desejos fictícios, criando necessidades irreais, apenas para fomentar o mercado consumidor, propiciando cada vez mais lucro ao comércio.

Essas práticas de consumo têm representatividade no processo de organização territorial, podendo, inclusive, ultrapassar os limites territoriais nacionais, ocasionando relações “transfronteiriças”. O caráter transfronteiriço está relacionado “à ruptura das barreiras culturais, como a linguagem e os hábitos, permitindo que o contato entre os alheios seja possível, e as diferenças sejam minimizadas” (POLON, 2015, p.71).

Podemos observar esse fenômeno na região de fronteira seca entre as cidades de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, consideradas “cidades-gêmeas”, além de representarem a maior conurbação entre Mato Grosso do Sul e Paraguai. Nessa localidade ocorre forte integração regional, uma vez que, de acordo com Scherma (2016), o nível de desenvolvimento desses dois municípios é semelhante. Nessa região a integração é um fenômeno cotidiano em seu fluxo de pessoas, comércio, símbolos, etc..

Dessa forma, Ponta Porã e Pedro Juan Caballero acabam tornando-se uma só cidade, marcada pelo hibridismo das culturas, das identidades, dos costumes. Basta atravessar uma rua para se estar em outro país. As comidas típicas do Paraguai se tornam também as comidas típicas de Ponta Porã, os pontos turísticos do país vizinho acabam tornando-se pontos turísticos das duas cidades, uma vez que pessoas de todos os lugares do Brasil vem à Ponta Porã para visitar o Paraguai, com o objetivo de adquirir produtos importados para depois venderem em suas cidades ou para o próprio consumo, por terem um valor inferior com relação aos produtos brasileiros, uma vez que no Paraguai, os comerciantes não pagam tantos impostos sobre os produtos como no Brasil.

No entanto, em um mundo onde as relações são frágeis e maleáveis, vivido em condições de incertezas constantes, a economia da fronteira é sensível às “oscilações da economia internacional e cada valorização do dólar exerce impacto direto na economia regional” (FERRARO JÚNIOR; BUITONI, 2011, p. 2). Podendo reduzir o número de turistas da região e, conseqüentemente, a renda de famílias que vivem de vender produtos importados.

Júnior (2011) caracteriza a relação de compra e venda de produtos importados na região de fronteira com o processo migratório, pois quem mora na região ou vem

como turista, tem essa percepção, muitos comerciantes não são apenas brasileiros e/ou paraguaios, o que proporciona uma multiculturalidade.

É também o turismo, e o comércio de importação a ele associado, que coloca esse pequeno território fronteiriço no contexto mais amplo da economia global e em sintonia com as novidades do mercado internacional. Juntamente com a importação de produtos da mais alta tecnologia atrai para a região capital estrangeiro, desencadeando um movimento migratório importante, que inclui comerciantes de origem árabe, asiática e brasileira que ali instalaram pequenos negócios e empresas (JÚNIOR, 2011, p. 12).

Podemos compreender que as cidades gêmeas consistem em uma rica diversidade de culturas, pois não existe apenas um povo, uma cultura, e sim vários, o que torna a nossa fronteira especial. Enquanto Scherma (2016) reforça visibilidade de integração entre as duas cidades, os autores Ferraro, Júnior e Buitoni (2011) revelam que a falta de integração entre as políticas públicas de segurança entre os dois países, permite que esse território seja propício ao estabelecimento de redes criminosas transnacionais.

A violência se torna presente no dia-a-dia das pessoas residentes nessa região, com grupos narcotraficantes e contrabandistas travando uma guerra pelo monopólio do espaço. O medo - que segundo Bauman é uma das principais características da sociedade líquida moderna na qual vivemos - está presente e faz com que as pessoas se afastem de uma dinâmica social mais sólida. Muitos brasileiros têm receio de ir para locais no Paraguai mais afastados da linha de fronteira e, no tempo de liquidez, as pessoas às vezes nem sabem do que têm medo, do porquê tem medo, tornando o mesmo um sentimento abstrato, mas essa ansia por segurança acaba as deixando cada vez menos livres, restringindo suas ações cotidianas e elas acabam transferindo a responsabilidade moral desse medo para o "outro". De acordo com Bittencourt (2010, p. 78):

Criamos comunidades homogêneas em padrões de comportamentos e valores como forma de nos contrapormos ao tipo existencial do "Outro", e sua desagradável diferença axiológica em relação aos parâmetros que dogmaticamente consideramos eternos e sagrados; esta é, nessas condições, a nova estrutura civilizatória que gerencia nossa existência no conturbado mundo líquido. Tememos a proximidade do "Outro", pois este, na visão distorcida que dele fazemos, traz sempre consigo uma sombra ameaçadora, capaz de desestabilizar o frágil suporte de nossa organização familiar, de nossa atividade profissional e de nossa sociedade como um todo.

Bauman (2008), nos alerta para o perigo do medo está difuso, disperso, flutuante, sem motivos nem endereços claros. A sociedade moderna, por esse medo quase que inexplicável, acaba se enclausurando em espaços fechados e vigiados diuturnamente, evitando espaços livres, contato com a realidade externa. Esse desejo incontrolável por segurança acaba diminuindo a liberdade de cada indivíduo, reduzindo sua amplitude de movimentos, de forma a fazer com que este abra mão da felicidade por uma parcela de segurança, o que acaba gerando ansiedade e tédio existencial. É importante lembrar que:

[...] liberdade sem segurança não tende a causar menos infelicidade do que a segurança sem liberdade e que necessitamos tanto de liberdade como de segurança, e o sacrifício de qualquer um deles pode nos causar sofrimentos (BAUMAN, 2008, p. 58).

O sociólogo polonês afirma que a identidade de um indivíduo está em constante transformação: não existe uma unificação da identidade, ela é maleável e muda conforme o contexto o qual o sujeito se encontra. Colognese (2012) problematiza o conceito de identidade:

O conceito de identidade deriva da raiz latina *idem*, que evoca os sentidos de igualdade e de continuidade. Porém, como as identidades não são únicas e exclusivas, elas se definem relacionalmente umas em relação às outras. Em sua trajetória científica este conceito tem um longo percurso, especialmente ligado às tradições investigativas da Filosofia, da Psicologia, da Sociologia e da Antropologia (COLOGNESE 2012, p. 146).

Já o conceito de identidade cultural é objetivada de diversas definições;

As definições mais tradicionais organizam-se a partir da contraposição entre as concepções objetivista e subjetivista de identidade. A concepção objetivista remete a identidade dos indivíduos às suas raízes, como o fundamento de toda identidade autêntica. Neste caso, a identidade é reduzida a dimensão atributiva, como uma essência preexistente ao indivíduo, que a incorpora definitivamente. Já a concepção subjetivista reduz a identidade a um sentimento de vinculação/identificação a uma coletividade imaginária, sendo decisivas as representações e as escolhas que os indivíduos fazem no processo de classificação social (COLOGNESE 2012, p. 146).

Podemos relacionar as definições de identidade objetivista citado acima com a realidade da fronteira Brasil/Paraguai, ou seja, o indivíduo que já vem com uma bagagem, uma identidade própria individual do seu país de origem (os árabes,

asiáticos e brasileiros), que são atraídos pelo comércio da região de fronteira. Podemos relacionar a identidade subjetiva com a procura constante de identidade, pois, nesta perspectiva, as pessoas estão em uma busca constante pela nova identidade, e pode ser que isso não parta de um desejo real e sim pela aceitação grupal resultada do consumismo, pois o mercado global encontra-se em constante transformação.

Nesse cenário, a escola é palco de encontro dessas diversas culturas que formam a identidade fronteiriça. Pereira (2014) ressalta a existência de preconceito, por parte dos sul-matogrossenses, em relação aos paraguaios. As escolas brasileiras localizadas próximas à linha da fronteira acabam construindo uma rígida fronteira, como a cultura, a língua, o preconceito. A crença de uma suposta superioridade brasileira em relação aos paraguaios faz com que alguns estudantes, diretores e professores ajam de maneira discriminatória com esses alunos de origem paraguaia, impondo sua cultura como legítima e inferiorizando as demais. A escola, sendo um espaço de diálogo, deve aprender a conviver com essa diversidade cultural. Deve-se problematizar o preconceito, criando práticas educativas que valorizem as culturas, utilizando temáticas relacionadas à identidades e grupos sociais, fazendo da escola um local de aproximação e respeito às diferenças, que são inerentes a todo ser humano.

O consumismo está enraizado em nossa cultura de tal forma que ele já é naturalizado. É considerado aceitável pela sociedade que as pessoas se tornem mercadorias, procurando sempre ser a mais rentável possível para o mercado de trabalho. As pessoas vão criando, cada vez mais, necessidades fictícias, que saciam essa ânsia pelo consumo, não sendo uma necessidade real na vida delas. Cabe então pensarmos qual seria o papel da educação frente a essa “cultura do consumo”, entendendo que a mesma pode ser utilizada para a reprodução de costumes dessa cultura ou para a criação de um novo homem, não alienado e que rompa com esses paradigmas.

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO PERANTE A SOCIEDADE CONSUMISTA

Como é sabido vivemos em uma sociedade na qual o “ter” têm uma importância maior ao “ser”. O indivíduo que adquire bens materiais acaba por ter uma certa “popularidade”, ou seja, o que ele possui é o que o define. O que falta à sociedade é

o consumo consciente, pois o que é mais comum atualmente é existe o consumo desenfreado. Não podemos afirmar que o indivíduo não deve consumir, pois sabemos que se faz necessário para a nossa sobrevivência o consumo de produtos e serviços. Segundo Moura (2018, p.2),

Pratica-se o consumismo simplesmente para se comparar aos “Outros”, muitas vezes sem as condições financeiras exigidas para esse desiderato, sacrificando não só o seu dia a dia, mas toda uma existência, frustrando o sentido da própria vida.

De acordo com Andrade e Zecchin (2017, p. 78), consumismo pode ser definido como “um arranjo social que provoca uma ávida disputa entre os indivíduos pela sonhada diferenciação social, pois agora as ‘necessidades’ mudam conforme o estilo, a variedade e disponibilidade das mercadorias existentes”. Em nossa atual sociedade, os indivíduos se diferenciam uns dos outros pelos bens materiais que consomem. Estes são os responsáveis pelo status, tão almejado pelas pessoas. Todo esse mecanismo é visto pelos indivíduos como algo banal, sem importância e aceitável.

A publicidade está presente no dia-a-dia da maioria das crianças, incitando-as, desde muito cedo, ao consumismo. As empresas mediante a publicidade e os meios de divulgação, acabam fazendo com que as crianças sintam vontade de terem coisas que elas não precisam, apenas para inserirem-se em um grupo. Ter um produto em comum aproximam certas crianças, gerando automaticamente a exclusão de outras, que não tem acesso a tal produto. Isso, como ressalta Andrade e Zecchin (2017), gera um abismo que diferencia as pessoas que consomem das que não consomem.

É necessário pensar em uma educação que rompa com esse paradigma. Através da tomada de consciência feita pelos próprios professores, os mesmos podem procurar ofertar uma educação voltada para a emancipação, para a constituição de um sujeito consciente de seu aspecto histórico, e como sendo histórico, podendo tomar o controle de sua vida, mudar-se, transformar-se, não encarar o mundo como algo pronto, imutável e acabado. É importante que a educação seja voltada para a autonomia, para a formação de um sujeito reflexivo, crítico e não passivo, que se veja como constituinte do mundo e conseqüentemente, tendo a capacidade de mudá-lo. Que faça com que os oprimidos se reconheçam como oprimidos e assim caminhem para a liberdade, pois, somente com o reconhecimento da realidade é possível mudá-la (C. f. FREIRE, 2002).

Nas escolas fronteiriças é habitual crianças paraguaias (com documentos brasileiros) estudarem no Brasil. Estas, em sua maioria, falam apenas o guarani e/ou espanhol, sem compreenderem a língua portuguesa. Os professores, que na maioria das vezes falam apenas o idioma brasileiro, encontram dificuldades em se comunicarem com seus alunos e estes, acabam tendo baixo rendimento escolar, visto que eles são alfabetizados em uma pedagogia monolíngue (língua portuguesa) mesmo sem compreenderem o português (PEREIRA, 2014).

Podemos constatar que a realidade das escolas da nossa fronteira perpassa por grandes desafios no ensino, fato já citado anteriormente com relação aos alunos que perpassam a fronteira para frequentar as escolas brasileiras, sendo eles bilíngues e/ou multilíngues. Cabe ao professor conhecer a realidade de seus alunos, para que assim possa ter alternativas de potencializar o desempenho escolar desses alunos. Cada aluno tem seu potencial de aprendizagem, que deve ser estimulado respeitando a diversidade de cada um.

Considerações Finais

Portanto, podemos compreender a fronteira entre Ponta Porã e Pedro Juan Cabellero como sendo um local de encontro entre múltiplas culturas, unidas principalmente pelo comércio, de forma a estabelecer um hibridismo de costumes e modos de vida. Assim, a escola precisa estar preparada para lidar com essas especificidades, que geram demandas específicas, principalmente no que tange a língua. O consumo está presente no cotidiano dos fronteiristas, que veem no Paraguai uma oportunidade de satisfazerem seus desejos incontrolláveis por bens materiais, uma vez que no país vizinho ao Brasil, o preço dos produtos é mais acessível.

A identidade de locais, como as regiões fronteiriças, estão em constante construção e reconstrução, adaptando e readaptando-se ao tempo e contexto. A cultura do consumo faz com que o “ter” seja mais importante que o “ser”. As pessoas acabam tornando-se mercadorias e vivendo constantemente em busca de uma felicidade que resume-se a aquisição de bens materiais que garantam um status diante da sociedade.

Cabe então a educação ofertar às crianças uma tomada de consciência, um estranhamento a esse comportamento consumista que já é naturalizado nos dias

atuais. É necessária uma educação que permita aos jovens tornarem-se seres críticos e reflexivos, agentes participantes e determinantes da sociedade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. D. F. R. D; ZECCHIN, Gabriel. Sociedade do consumo e o papel da educação: subtítulo do artigo. **Revista de Estudos Aplicados em Educação**: subtítulo da revista, Local, v. 2, n. 3, p. 75-87, dez./2005.

BAUMAN, Z. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Tradução de José Gradel. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2008

BITTENCOURT, Renato Nunes. A estrutura simbólica da vida líquida em Zygmunt Bauman. **Argumentos-Revista de Filosofia**, v. 2, n. 4, 2010.

COLOGNESE, S. A. **Brasiguaios: uma identidade na fronteira Brasil/Paraguai**. Tempo da Ciência, v.19, n.38, p. 132, 2012.

DO VALLE PEREIRA, Jacira Helena. Educação na fronteira: o caso Ponta Porã (MS) e Pedro Juan Caballero (PY). **Papéis: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens-UFMS**, v. 18, n. 36, p. 93-106, 2014.

FERRARO JÚNIOR, V. G.; BUITONI, SOBRENOME, M. M. S. A integração na fronteira Brasil-Paraguai: as cidades-gêmeas de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. In: **Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC**, 63, 2011, Campo Grande, MS. Anais (on-line). Disponível em: <http://www.sbpnet.org.br/livro/63ra/resumos/resumos/4698.htm>. Acesso em 16 de junho de 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

DE MOURA, Roldão Alves. **Consumo ou consumismo: uma necessidade humana?**. Rev. Fac. Direito São Bernardo do Campo| v, v. 24, n. 1, 2018.

JÚNIOR, A. B. **Turismo na fronteira: integração cultural e tensões identitárias na divisa do Brasil com o Paraguai**. Pasos. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, v. 9, n. 3, 2011.

POLON, Luana Caroline Künast. BRASIL-PARAGUAI: CONSIDERAÇÕES SOBRE A “FRONTEIRA DO CONSUMO”. **Tempo da Ciência**, v. 22, n. 44, p. 71-77.

SCHERMA, Márcio Augusto. Cidades-gêmeas e integração: o caso de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. **II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina**, v. 12, 2018.

